

Multiculturalismo e Política de cotas na Medicina: possíveis articulações

Multiculturalism and Quota Policy in Medicine: possible articulations

Resumo

Na busca da superação das desigualdades foram criadas as políticas de ação afirmativa no âmbito da educação superior, que viabilizaram o acesso de segmentos da população até então excluídos. O ingresso de alunos provenientes de diferentes classes sociais, culturais e étnico raciais colocou novos desafios à universidade quanto ao seu currículo e à abordagem das diferenças. Com este trabalho buscou-se refletir sobre a relevância do multiculturalismo e suas possíveis articulações com a política de cotas, com apoio em noções dos estudos culturais, tendo por base resultados de estudo de cunho qualitativo em que se analisou significados construídos por estudantes de medicina da UFRJ em relação às mudanças introduzidas pela coexistência de múltiplas culturas. Foram emitidos valores e posicionamentos que ora se alinham a pressupostos do multiculturalismo e ora se opõem ao mesmo, dado que o convívio entre as diversas culturas, perpassado por relações de poder, não está isento de conflitos.

Palavras chave: multiculturalismo, política de cotas, medicina, currículo.

Abstract

In the search for overcoming inequalities, affirmative action policies were created in higher education, which enabled the access of previously excluded segments of the population. The admission of students from different social, cultural and ethnic racial classes has posed new challenges to the university regarding its curriculum and its approach to differences. This work sought to reflect on the relevance of multiculturalism and its possible articulations with the quota policy. With this purpose, with support in notions of the cultural studies, we present a qualitative study investigating how UFRJ medical students signified the changes introduced by the coexistence of multiple cultures. Values and positions have been emitted that sometimes align with the assumptions of multiculturalism and sometimes oppose it, given that the conviviality between the different cultures, permeated by power relations, is not free of conflicts.

Key words: multiculturalism, quota policy, medicine, curriculum.

Introdução

O presente artigo, fundamentado em noções dos estudos culturais, apresenta uma reflexão sobre a relevância do multiculturalismo e suas possíveis articulações com a política de cotas, tendo por base resultados de estudo de cunho qualitativo em que foram analisados significados construídos por estudantes de medicina da UFRJ em relação às mudanças introduzidas pela coexistência de múltiplas culturas. Integra um estudo maior: “Cotas e

processos de formação na universidade pública – enfoque na subjetivação de professores e alunos” (apoio Cnpq), que se insere na linha de pesquisa “Deslocamentos culturais contemporâneos, saúde e educação”.

A desigualdade é um problema que vem se acirrando historicamente no Brasil, onde uma grande parcela da população não tem garantidos os direitos básicos, como saúde, educação e trabalho. Contudo, a desigualdade não está atrelada somente ao aspecto econômico, mas também a fatores como a raça/etnia, o gênero, entre outros.

No âmbito da universidade essa desigualdade pode ser percebida; como relatado por Santos (2016), em 2012 somente 15,1% dos jovens entre 18 e 24 anos estavam matriculados no Ensino Superior, e destes apenas 24,2% em instituições públicas. A universidade pública atende a um grupo reduzido e em sua maioria oriundos de famílias das classes mais altas, principalmente em alguns cursos considerados “de elite”, como Medicina e Odontologia.

Na busca da superação das desigualdades criaram-se as políticas de ação afirmativa no âmbito da educação superior, que viabilizam o acesso a segmentos até então excluídos.

Dentre as ações que integram o conjunto das “políticas culturais de diferença” (HALL, 2003), implementadas desde 2002 com respaldo no Programa Nacional de Ações Afirmativas (BRASIL, 2002) e no Programa Diversidade na Universidade (BRASIL, 2002), destacam-se: a política de cotas, adotada pela primeira vez em 2003; o Programa Universidade para Todos – PROUNI (BRASIL, 2005), que concede bolsas integrais e parciais em universidades privadas; o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI (BRASIL, 2007), que proporciona condições de ampliação do acesso e permanência na educação superior; e reformulação do Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM (BRASIL, 2008), constituindo-o como o único meio de acesso às universidades federais.

A criação e a implantação das políticas afirmativas foram caracterizadas por muitas resistências e questionamentos. Contudo, com a implementação das políticas educacionais inclusivas, uma parcela da população que historicamente foi deixada à margem do desenvolvimento social, educacional, econômico, e conseqüentemente sem acesso ao ensino superior, passa a ter esse direito garantido. Torna-se mais diversificado o perfil do alunado na universidade pública, com o ingresso de estudantes de vários estados brasileiros, egressos de escolas públicas e de diferentes etnias/raças (pardos, pretos, indígenas).

Com este novo panorama, estudantes, professores e a comunidade universitária se deparam com a heterogeneidade de perfis, com as diferentes identidades e com a diversidade cultural. Vêm-se frente a discentes com histórias de vida diversas, com diferentes visões de mundo, com identidades construídas a partir de suas experiências em contextos sociais múltiplos de inclusões/exclusões, sucessos/fracassos e discriminações. Enfim, uma diversidade que coloca como imperativa a necessidade de um olhar crítico para a pluralidade cultural encontrada neste espaço.

Em uma sociedade multicultural e desigual como a nossa, consideramos o multiculturalismo crítico como um norteador para as práticas da universidade no sentido de valorizar as culturas dos estudantes, questionar a produção das diferenças e de reduzir os preconceitos, a discriminação, a opressão e os estereótipos. Como alertam Canen e Oliveira (2002), é de suma importância identificar os mecanismos que silenciam as identidades e reforçam a marginalização de grupos, lutando por sua superação.

O termo multiculturalismo “refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades

multiculturais” (HALL, 2003, p. 52). O multiculturalismo crítico estabelece um conjunto de articulações, ideias e práticas sociais, que viabiliza a ampliação da quantidade de discursos públicos. No âmbito da universidade, proporcionaria aos estudantes uma variedade de opções pedagógicas onde podem investir, agir e falar para ampliar suas capacidades, favorecendo a organização de uma sociedade mais forte democraticamente. Esta perspectiva se opõe ao multiculturalismo conservador, na medida em que este propõe que as diferenças sejam absorvidas pelas tradições e costumes do grupo dominante.

Tal noção se alinha à concepção de currículo como um espaço de luta onde as identidades são produzidas por meio das relações de poder. Conforme aponta Silva (1999), as identidades e subjetividades são influenciadas pelo conhecimento que compõe o currículo, o qual é determinado pelo tipo de ser humano que se quer formar (SILVA, 1999). Assim, faz-se necessário um currículo baseado em uma concepção mais crítica que contemple os processos onde as diferenças são produzidas por meio de relações de assimetria e desigualdade, e onde as diferenças sejam permanentemente questionadas (SILVA, 1999).

A política de cotas na UFRJ: multiculturalismo, formação e prática do profissional de medicina

O convívio com as diferenças e com a diversidade cultural obriga a universidade a enfrentar o processo de exclusão até então presente na seleção para o ingresso na mesma. Este é um momento importante quando as vozes “de fora”, ou seja, dos que se encontram à margem, modificam a vida cultural. Estas mudanças são o resultado de “políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural” (HALL, 2003, p. 338).

Os estudos culturais respaldam também a noção de que as identidades são dinâmicas, construídas e modificadas frequentemente por meio das relações que estabelecemos com os sistemas culturais em que transitamos. Portanto, a identidade é determinada culturalmente, pois o sujeito “assume identidades diferentes em diferentes momentos” (HALL, 2011, p. 13). A identidade é aberta, contraditória, inacabada e fragmentada. Ela é um processo em desenvolvimento, sempre “sendo formada”; é construída por influências exteriores, pelas formas pelas quais percebemos ser vistos pelos outros. Possuímos identidades contraditórias que nos impulsionam em diferentes direções, ocorrendo constantes deslocamentos de nossas identificações.

Os deslocamentos culturais e sociais que estão ocorrendo na universidade, em função da implementação da política de cotas, influenciam diretamente a construção das identidades dos sujeitos. Nas relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos universitários, estes constroem e reconstróem suas identidades e se constituem como sujeitos. As relações de poder perpassam as construções identitárias e é possível afirmar que os aspectos relacionados à raça/etnia, classe social e cultura influenciam na construção identitária dos sujeitos.

O convívio com múltiplas culturas influencia a formação dos futuros médicos. Segundo Batista e Silva (1998), apud (autor suprimido para não identificação deste estudo), a profissão médica vem ao longo dos anos criando cada vez mais médicos especialistas com a compartimentação do corpo em partes, desconsiderando a integralidade do paciente, seus aspectos culturais, sociais e subjetivos, o que é reforçado pelo currículo do curso de medicina a partir de sua fragmentação em disciplinas isoladas. Diante da crescente preocupação com a humanização do atendimento pleno ao paciente como sujeito social, considerando sua forma de vida e sua cultura, visto como um sujeito de direitos, a universidade pública tem como

desafio a discussão e mudanças na formação médica. Faz-se necessária uma mudança de paradigma da formação biomédica para uma formação com foco no atendimento básico em saúde e na atenção primária da população.

Dentre os desafios para tal transformação, ressaltamos a necessidade da preparação do futuro médico para lidar com as diferenças. Esta questão foi considerada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Medicina (2014), que determina a formação do estudante da área da saúde voltada para as “dimensões da diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, de gênero, orientação sexual, socioeconômica, política, ambiental, cultural, ética e demais aspectos que compõem o espectro da diversidade humana que singularizam cada pessoa ou cada grupo social” (BRASIL, 2014).

Ceccim (2009) ressalta a necessidade de o profissional estar disponível ao coletivo, ressaltando seu convívio com a diversidade de culturas, já que atua junto com diferentes sujeitos, de diferentes culturas no atendimento e na equipe multiprofissional com a qual trabalha. Ele afeta e pode ser afetado, constrói alianças, desconstrói evidências, construindo espaços “criativos e sensíveis” na implementação da saúde (CECCIM, 2009).

O contexto, objetivos e metodologia

O estudo foi realizado no contexto de uma universidade pública, a UFRJ. Esta relutou muito em adotar a política de cotas, o que só aconteceu em 2010 para a seleção de 2011, com a instituição de cotas sociais, após longo debate sobre o tema. Em 2011, esta instituição escolhe o Enem como um dos meios de seleção de seus alunos para 2012. Com a Lei nº 12.711/2012, a UFRJ se depara com a obrigatoriedade de destinar 50% de suas vagas para os alunos que cursaram o Ensino Médio em escola pública e que se autodeclararam preto, pardo ou indígena; e de garantir que destas vagas, 50% será ocupada por alunos com uma renda per capita de um salário mínimo e meio.

A mudança significativa no perfil estudantil pode ser atestada pelo fato de que em 2010, 98% dos alunos ingressantes na UFRJ residiam no estado do Rio de Janeiro; e em 2014, 22% destes vieram de outros estados, principalmente das regiões Norte e Nordeste (SANTOS, 2016, p. 6).

As seguintes questões nortearam o estudo: como os discentes se posicionam em relação à coexistência de múltiplas culturas? Como significam a contribuição do multiculturalismo para a formação do médico? Assim, objetivamos identificar e analisar aspectos do multiculturalismo relacionados às políticas de inclusão, particularmente a política de cotas, conforme significados por estudantes de medicina da UFRJ.

Adotamos a abordagem qualitativa, com a qual podemos, segundo Bogdan (1994), compreender melhor a experiência humana, o processo de construção de significados, possibilitando identificar e analisar como são construídos os posicionamentos dos sujeitos. Por meio da linguagem são expressos os conceitos, os pensamentos, ideias, significados e propostas.

Utilizamos como fonte de dados entrevistas semi-estruturadas; estas, como indica Flick (2009) definem um assunto concreto e as respostas são deixadas em aberto. As entrevistas foram realizadas com alunos e alunas – cotistas e não cotistas - do curso de Medicina desta universidade. A escolha por este curso se deu devido ao seu alto grau de seletividade; pela autopropagada superioridade intelectual dos seus alunos, ressaltada nos discursos destes e da própria instituição; por serem, na sua grande maioria, alunos provenientes de estratos privilegiados de classe social, e com um número extremamente reduzido de alunos negros.

Como metodologia para a análise dos dados, nos orientamos pela análise de Conteúdo (AC), com base na metodologia proposta por Bardin (2011). O foco deste método está nos conhecimentos produzidos após a interpretação dos dados, objetivando descobrir o que está oculto pelos conteúdos expressos. Ao realizar a leitura das entrevistas nos familiarizamos com o texto, procedendo assim a uma leitura flutuante, na qual, como indica Bardin (2011), o pesquisador se deixa “invadir por impressões e orientações”. Nesta buscamos identificar as unidades de registro e de contexto para análise, conforme o objetivo proposto. As unidades de contexto são formadas por parágrafos, itens, frases, que servem como unidades de compreensão, posicionam as unidades de registro em uma “referência mais ampla”. As unidades de registro são as frases, palavras escolhidas na decomposição das unidades de análise.

Os aspectos éticos necessários foram observados: aprovação pelo comitê de ética, autorização de uso das entrevistas por meio do termo de consentimento e garantia de anonimato (os nomes utilizados são fictícios).

Apresentação e discussão dos resultados

Das 19 entrevistas utilizadas no estudo maior, do qual este é um recorte, fizemos uso, para este trabalho, de quatro entrevistas, sendo duas com alunos cotistas, ambos do 2º período, e duas com não cotistas, um do 1º período e o outro do 9º. Após a delimitação das unidades de análise, agrupamos as mesmas em duas categorias, a saber: Culturas Pluralizadas e Reivindicação Identitária e “Nós somos os penetras”: permanências e mudanças.

Culturas Pluralizadas e Reivindicação Identitária

As falas dos/as alunos/as evidenciam o reconhecimento de uma nova configuração no perfil dos estudantes: a presença de alunos oriundos de outras realidades - de outros estados, de classes sociais diferentes, que não pertencem à “elite” - rompendo com o já mencionado perfil dos estudantes deste curso. Essa alteração é significada como um fator de mudança no perfil do futuro médico. Na fala seguinte das alunas (uma cotista e uma não cotista), a coexistência de diversas identidades e culturas influencia na formação identitária do futuro profissional nos valores, na produção de novas identidades, construídas e reconstruídas por meio das relações que se estabelecem.

Então, isso, acontecendo as cotas, vai favorecer né, que isso aconteça, que **peessoas de outras realidades** entrem num curso de medicina, e **mudem um pouco o perfil do médico**, né, que hoje é um perfil muito... Médico bem elitizado né?. (Ana Paula, não cotista, 1º período).

Agora eu vejo que não é porque uma pessoa é cotista - que ela teve uma educação bem pior do que as outras - que ela não consegue acompanhar, ou sei lá. **Traz uma visão nova pra sala sabe? Não é só aquela elite.** Porque medicina federal é elite né? Aí quando **você vê pessoas que moram longe, são de outras cidades**, que tão passando perrengue pra estudar aqui, e que se esforçam, muda um pouco, sabe? **A nossa turma, ela é bem diferente das Ms [turmas] mais altas** sabe? Você sente uma coisa que não tem nas outras... Essa... **Tem pobre na sala** entendeu? **Que não tem nas outras.** E eu acho isso muito legal, porque aí a **faculdade fica menos elitizada**, né? Senão, vai ser só aquela [incompreensível] **médico, filho de médico, filho de médico**, e os outros vão ficar... (Carla, cotista, 2º período).

Percebemos na fala de Carla o reconhecimento de um rompimento do ciclo estabelecido socialmente, onde são os filhos de médicos que ingressam no curso de medicina, com a exclusão dos indivíduos de classe social mais baixa, viabilizando o ingresso dos últimos em profissões mais bem qualificadas.

Ao mencionar a introdução no curso de uma “visão completamente diferente do mundo”, no excerto que segue, entendemos que Carla significa possibilidades de uma mudança curricular.

É, varia um pouco né, aquele padrão que existe desde que você tá colocando gente que é tão boa quanto né, falando de aula mesmo, de estudo, mas que **tem uma visão completamente diferente do mundo, que já passou pela fila do SUS, que já não foi atendido, erro médico, um monte de coisas, que quem tá na nata da sociedade...** (Carla, cotista, 2º período).

Neste caso, a aluna sinaliza a proximidade da experiência de vida desses “novos” alunos com situações que ocorrem no “concreto” do sistema de saúde; essas vivências se alinham a uma formação que se contrapõe ao paradigma biologicista da formação médica. Ao invés, se voltaria ao atendimento básico, contemplando a diversidade biológica, subjetiva, étnico-racial, entre outras. Ao afirmar que está ingressando “gente que é tão boa quanto”, a aluna se contrapõe ao discurso tão presente em relação aos cotistas, que contribui para a sua estigmatização, e com tal afirmativa reivindica um estatuto de maior igualdade.

Na fala que segue podemos perceber a importância atribuída ao convívio entre os diferentes sujeitos, com suas múltiplas culturas, algo percebido como inédito na formação do médico.

É, quando eu entrei, **eu vi gente de tudo quanto é lugar, dá até aquele medo, vários sotaques, várias gentes de todas as formas. [...] Você entra aqui, você vê que aquele jeito não tem nada a ver com o estilo de vida da onde você morava. [...]** O cara é o mais *sarrista* da classe inteira, ele é lá de Pernambuco, Salvador, não sei, alguma coisa do tipo... Ele fala meio cantado, todo mundo *enche o saco* dele... **É interessante essa mescla que deu [...]** Ah, a nossa classe, eu acho que todo mundo adorou **essa mescla**, porque todo mundo consegue conviver com um pouquinho de cada lugar do Brasil, conhecer... (Luis Otávio, cotista, 2º período).

O aluno sinaliza no excerto acima para a presença de culturas pluralizadas como algo positivo, na medida em que dão lugar a um contexto de formação em que vários estilos de vida, várias histórias e experiências culturais convivem.

“Nós somos os penetras”: permanências e mudanças

Na fala que segue, notamos que o aluno, além de abordar a importância e riqueza da diversidade cultural entre os alunos, insere a questão étnica/racial, ressaltando a presença de alunos negros após a implementação das cotas. Ao mencionar a ocorrência de “um choque” na medicina, o aluno significa o ingresso de uma multiplicidade identitária, que em sua heterogeneidade seria difícil de representar. E, sua indicação sobre a ausência de “uma mudança tão qualitativa (em) como as turmas enxergam estes negros na universidade”, entendemos que significa uma certa invisibilidade destes, não percebidos como um grupo historicamente discriminado e excluído; ao invés, são “absorvidos” pela turma hegemônica, que impõe a homogeneidade.

Com certeza, eu acho que o que mais afeta em termos de universidade é que **tem que haver uma mudança de composição social** e a gente só vai poder de fato determinar isso depois de cinco anos, quando as turmas já tiverem formadas. Inclusive **na medicina houve um choque**, antigamente os ingressantes nas turmas se dividiam em quatro quadrantes: 25 % oriundos da Barra, 25% oriundos da zona sul, 25% oriundos da Tijuca e o resto composto por gente de Minas Gerais, São Paulo e outros lugares, na maioria brancos. Na minha turma, **além de mim que hoje me considero negro**, há dois negros, com mais estereótipo de negro mesmo, que são estrangeiros que vieram pelo programa de convênio. Os dois continuam na faculdade, estão cursando normalmente os períodos, mas na verdade nas turmas mais novas, depois que entrou a cota, há um número um pouco maior de negros. **Apesar de não ter uma mudança tão qualitativa como as turmas enxergam estes negros na universidade.** (Giovane, não cotista, 9º período).

As falas abaixo sinalizam que as diferenças são bem marcadas, evidenciadas pelo não entrosamento de alguns devido às diferenças de classe, cultura, etc.

Olha, é assim. Tipo tem os grupinhos fixos. Têm os grupinhos, a maioria se relaciona, mas tem **o grupinho, que são os melhores bem de vida digamos, eles são excluídos totalmente da classe mesmo.** Mas o resto da turma é mais entrosado. Mas ainda tem os grupinhos sabe? Mas **tem aquelas diferenças.** Não sei se é porque cotista tem uma condição melhor ou não/ Não cotista quer dizer. Então eles acabam não levando tanto a sério. Mesmo que entrose com a gente, converse e tal. Mas **tem aquelas pessoas que não tão nem aí pra você mesmo, que são essas pessoas mais da elite mesmo daqui,** a maioria mora aqui no Rio mesmo, parece. Daí, **eles se entrosam mais com os nossos veteranos, que não têm essa nossa história que é do cotista** (Luis Otávio, cotista, 2º período).

Nós **somos os penetras** da... **Estamos invadindo o espaço deles aqui.** De vez em quando **eles falam que a gente mudou toda a cara da UFRJ, que não é mais carioca, que a gente tá roubando a vaga deles.** Isso foi meio... Uma coisa meio bizarra no começo, mas depois pararam com esse preconceito com a gente. Dos veteranos com a gente (...) (Luis Otávio, cotista, 2º período).

Percebe-se que o convívio entre as diversas culturas não está isenta de conflitos, sendo perpassado por relações de poder. A “história dos cotistas” define identidades, lugares de sujeito que não se mesclam com aquelas dos que estão “bem de vida”, que são “mais da elite”.

Considerações Finais

Com este trabalho buscou-se refletir sobre a relevância do multiculturalismo e suas possíveis articulações com a política de cotas. Com fundamento em noções dos estudos culturais apresentamos estudo em que foram analisados significados construídos por estudantes de medicina da UFRJ em relação às mudanças introduzidas pela coexistência de múltiplas culturas. Foram emitidos valores e posicionamentos que ora se alinham a pressupostos do multiculturalismo e ora se opõem ao mesmo, dado que o convívio entre as diversas culturas, perpassado por relações de poder, não está isento de conflitos.

Algumas das falas significam a diversidade cultural como um ganho para a formação do alunado, na medida em que potencialmente influencia no currículo, na construção e reconstrução das identidades. Já em outras falas ficou evidente um certo tencionamento no relacionamento entre cotistas e não cotistas, devido à desigualdade social existente entre eles. As relações estabelecidas são permeadas pelo poder que reforça a marginalização de alguns com base na discriminação e na exclusão. Chamou atenção a fala de um aluno que evidencia o sentimento de exclusão ao se denominar como “penetra”, como alguém que não tem o direito de estar neste espaço, que não se sente parte desta universidade. São fronteiras que não se consegue ultrapassar devido ao olhar do outro, de como se é visto pelo outro, compondo processos interessantes que fazem pensar sobre a presença e a construção identitária do sujeito que é denominado “diferente”.

A alteração no perfil dos estudantes do curso de medicina é considerada um fator de mudança no perfil do futuro médico. E a coexistência de diversas identidades e diversas culturas contribui para a formação identitária deste profissional. Considerando o multiculturalismo crítico como um norteador das práticas na universidade, pode-se dizer que a presença das diversas culturas trazidas por esses novos segmentos da população desestabiliza o status quo, introduz processos de reflexão, traz à tona as diferenças sobre as quais pairava uma invisibilidade.

Assim, percebemos que a política de cotas potencialmente introduz fissuras na homogeneidade social, cultural e racial dos discentes do curso de medicina, e temos como hipótese que este é um fator que contribui para a democratização da universidade pública. Deslocamentos culturais e sociais são introduzidos que influenciam diretamente na construção das identidades dos sujeitos, colocando para a universidade o desafio de acionar ações e estratégias para lidar com as diferentes identidades e culturas. Não basta democratizar o acesso à universidade, esta deve implementar ações que garantam a permanência desses “novos” alunos, com a garantia de recursos materiais, com um currículo que atenda as diferenças, com foco na valorização da diversidade cultural e na expressão de identidades múltiplas.

Com a inclusão de estudantes de diferentes raças e classes sociais o monoculturalismo enfraquece e há o destaque de culturas pluralizadas, onde vários grupos podem reivindicar as identidades e as histórias que traduzem as várias experiências culturais (GIROUX, 2003). A diversidade cultural influencia na construção do conhecimento, na produção de diferentes identidades, na contestação do poder opressivo, tendo o potencial, a nosso ver, de influir na democratização do ensino superior. É crucial que os estudantes convivam com múltiplas culturas, colocando-se no lugar do outro, compreendendo outros significados, podendo questionar as ideologias do poder que favorecem alguns sujeitos e negam o protagonismo a outros (GIROUX, 2003).

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.711. 2012.

_____. **Programa Nacional de Ações Afirmativas**; Decreto nº 4.228, de 13 de maio de 2002. Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/5/2002, p. 6.

_____. **Programa Universidade para Todos**; Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Diário Oficial da União, 09/12/2005, p.66.

_____. **Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais** - REUNI. Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007. Diário Oficial da União, 25/04/2007, p. 7.

_____. **Exame Nacional de Ensino Médio – ENEM**; Portaria no- 109, de 27 de maio de 2009; Diário Oficial da União, 28/04/2009, p 56.

_____. **Ministério da Educação. Resolução nº 03, de 20 de junho de 2014**. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina. **Brasília**.

BATISTA, N. A. e SILVA, S. H. S. da. **O professor de medicina**. Edições Loyola, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.. Características da investigação qualitativa. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S.. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto, 1994.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. de. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 21, p. 61-74, dez. 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 18 dez. jan. 2017.

CECCIM, R. B.; FERLA, A. A.. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro , v. 6, n. 3, p. 443-456, 2008 . Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 20 dez. 2017.

FLICK, U.. Entrevistas. In: FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Cap. 13. p. 144-163.

GIROUX, H. A.. **Atos Impuros: A Prática Política dos Estudos Culturais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HALL, S.. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SANTOS, A. R.. Os (novos) sotaques da UFRJ. In Dossiê Afirmativo, Jornal da AdUFRJ. Ano 15 n. 1, 2016

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade:** Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.